

**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO**

Melina Eduarda Alves da Silva

**A educação sexual na educação infantil e
anos iniciais do ensino fundamental**

**Brasília
2023**

Melina Eduarda Alves da Silva

**A educação sexual na
Educação Infantil e anos
iniciais do Ensino Fundamental**

Artigo apresentado ao curso de Pedagogia da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília como requisito para o Trabalho de Conclusão de Curso.

Orientador (a): Prof. Dr. Erlando da Silva Rêses

**Brasília
2023**

Agradeço primeiramente a Deus pela oportunidade, por me dar forças e por sempre me abençoar, agradeço a Ele por me guiar todos os dias no caminho e na jornada que preparou com tanto amor para mim. Agradeço aos meus pais, Andréia e Edjekson, por serem sempre tão presentes na minha vida, tão participativos, e me incentivarem todos os dias a seguir os meus planos e desejos para minha vida. Agradeço aos meus irmãos, Renzo e Judson, por serem os melhores amigos da minha vida e por sempre me apoiarem. Agradeço às minhas avós, Shirley e Maria, por serem tão doces e sempre demonstrarem o orgulho que sentem pelo caminho que estou trilhando. À minha avó Lourdes, que não pode estar aqui e saber de tudo que eu conquistei, mas que certamente mostraria seu orgulho e amor por mim diariamente. Agradeço ao meu avô Paulo, pelo apoio, meu tio Paulo Luiz, por toda ajuda nos estudos me ajudando desde antes de ingressar na Universidade e durante toda a trajetória. Agradeço à minha tia Amanda, por ser forte e me manter forte nos momentos mais difíceis. Agradeço ao professor Erlando, que prontamente aceitou ser meu orientador e foi compreensivo comigo em todo o processo. Agradeço também a Ana Paula, que me ajudou na pesquisa e esteve sempre disposta a me auxiliar no que precisasse. Agradeço as amigas que conquistei na UnB, e agradeço a todos que me cercam e me demonstraram amor e compreensão em todo o percurso até aqui.

“No caminho da sabedoria te ensinei, e pelas carreiras direitas te fiz andar.”

Provérbios 4:11

SUMÁRIO

| | |
|---|-----------|
| 1 RESUMO..... | 4 |
| 2 INTRODUÇÃO..... | 4 |
| 3 MEMORIAL ACADÊMICO..... | 4 |
| 4 TEMA E PROBLEMA..... | 9 |
| 5 JUSTIFICATIVA..... | 10 |
| 6 OBJETIVOS..... | 11 |
| 7 REFERENCIAL TEÓRICO..... | 11 |
| 8 METODOLOGIA..... | 13 |
| 9 CONSIDERAÇÕES FINAIS..... | 15 |
| 10 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS..... | 15 |

1 RESUMO

Este artigo se desenvolveu com o objetivo de analisar dos documentos oficiais da educação, com foco na educação sexual para educação infantil e anos iniciais do ensino fundamental, notando-se que ainda é um grande tabu na sociedade, pouco estudado e quase nunca ensinado dentro das escolas, mesmo se tratando de um assunto de extrema importância e necessidade. A pesquisa desse artigo foi feita através da análise dos documentos oficiais da educação: Base Nacional Comum Curricular, Plano Nacional da Educação, Lei de Diretrizes e Bases, Parâmetros Curriculares Nacionais e Currículo em Movimento. Propõe-se nesse artigo a interpretação e observação de como a educação sexual é abordada nos documentos oficiais da educação e como pode ser trabalhada dentro das escolas nos segmentos da educação infantil e anos iniciais do ensino fundamental. A sociedade em grande parte ainda não entende sobre esse tema e acaba passando adiante muita desinformação gerando ainda mais tabus e empecilhos na inserção da educação sexual dentro das escolas.

Palavras-chave: Educação sexual, infantil, tabu, documentos oficiais, escolas, desinformação.

Abstract: This work was developed with the objective of analyzing official education documents focusing on sex education for early childhood education and early years, noting that it is still a big taboo in society, little studied and almost never taught in schools, even if dealing with a subject of extreme importance and necessity. The research for this article was carried out through the analysis of official education documents: Common National Curriculum Base, National Education Plan, Law of Guidelines and Basis, National Curriculum Parameters and Curriculum in Motion. This article proposes the interpretation and observation of how sex education is addressed in official education documents and how it can be worked within schools in the segments of early childhood education and elementary education. Society, to a large extent, still

does not understand this topic and ends up passing on a lot of misinformation, generating even more taboos and obstacles in the insertion of sex education within schools.

Key-words: sexual education, childish, taboo, official documents, schools, misinformation.

2 INTRODUÇÃO

Este artigo começou a ser desenvolvido em 2019 na disciplina de Pesquisa em Educação, e decidi continuar com esse tema por despertar meu interesse de que a educação sexual possa ser compreendida, dada a relevância que possui, como por exemplo na aprendizagem da higiene individual, dos cuidados com o corpo, de que as regiões íntimas não devem ser tocadas, ajudando assim que a criança reconheça caso esteja sendo abusada, entre outros aspectos importantes possam realmente ser levados em consideração e que após essa compreensão a educação sexual passe a ser mais estudada e então comece a ser aplicada na educação infantil e ensino fundamental-anos iniciais.

A sociedade em sua grande maioria pouco entende sobre esse tema e muita desinformação é propagada. O que sentimos falta é entender que a educação sexual não se trata de sexo, consiste muito além disso, é sobre o aprendizado do corpo, da consciência caso haja abuso, e muitos outros conceitos que serão explicados nesse artigo.

Então através da análise da BNCC, PNE, Currículo em Movimento, PCN e LDB, esse trabalho pode ser concretizado e desenvolvido, com a obtenção de conteúdos analisados, interpretados e questionados nestes documentos, e assim podendo afirmar a necessidade e importância da educação sexual.

3 MEMORIAL ACADÊMICO

Nascida em 22 de agosto de 2000, quando tinha quatro anos de idade completos meus pais Andréia Alves e Edjekson da Silva optaram que se iniciasse a minha trajetória escolar, o principal motivo na época foi que eu era extremamente tímida e talvez na convivência com outras crianças eu pudesse perder um pouco da timidez. Então, no início de 2005, fui

matriculada no maternal Colégio Almeida Vieira Júnior. Frequentei essa escola por três anos até quando meus pais optaram por me colocar em um colégio confessional.

Então no início do ano de 2007, com sete anos de idade completos comecei a estudar no Centro Educacional Adventista de Taguatinga. Nessa escola eu fiz o até então jardim II e o jardim III, no caso o meu período no jardim III foi o último, até que mudou para o conhecido “1º ano”, ou seja, eu não fiz o primeiro ano do ensino fundamental, fui do jardim direto para o segundo ano. Nessa escola meus pais viram grandes problemas em relação ao meu desenvolvimento acadêmico. Alguns professores tentavam retroceder e travar o conhecimento que eu havia obtido na escola anterior e isso desenvolveu alguns danos a minha vida acadêmica, que são visíveis até hoje, como a mistura de letra caixa alta e cursiva, visto que cheguei sabendo escrever em letra cursiva e como meus colegas de sala ainda não sabiam a professora só me permitia escrever em caixa alta para padronizar os conhecimentos da turma. Após perceberem o erro que estava acontecendo ali, eles decidiram novamente me trocar de instituição.

Então no ano de 2009 eu e meu irmão mais novo, Renzo Eduardo, começamos a estudar o EDUSESC de Taguatinga. O ensino era muito bom e os professores extremamente competentes. Porém com o costume de mudar de escola acabei me cansando um pouco de estudar lá, e após 5 anos na instituição, então pedi para os meus pais para que novamente me trocassem de colégio.

Então em 2014 meus pais me transferiram para o Colégio ALUB do Pistão Norte, essa unidade só tinha turmas até o oitavo ano, então quando entrei lá já era meu último ano naquela escola.

Em 2015 eu fui transferida para o ALUB do Pistão Sul, onde só tinham turmas do nono ano ao terceiro ano do ensino médio. Devido a alguns problemas com a instituição, optamos por novamente mudar. Então em 2016, meus pais retornaram com a ideia de colocar eu e meu irmão, Renzo, para estudarmos em um colégio confessional, e aí novamente fomos, então em 26 de janeiro de 2016 comecei a estudar no Centro Educacional Adventista Milton Afonso.

Nessa escola cursei o segundo e terceiro ano do ensino médio, estava matriculada normalmente para concluir o terceiro ano lá, porém com poucas semanas após o início das aulas acabei ficando doente, e isso só foi se agravando, diagnosticada com depressão e transtorno de ansiedade generalizada não conseguia sair de casa, então comecei a estudar de casa, as tarefas e trabalhos eram enviados para casa através do meu irmão, Renzo, ou meus pais iam até lá buscar, e tudo correu assim até o mês de agosto, quando já não se tinha mais expectativa de que eu fosse ser aprovada e então já estávamos pensando no próximo ano, se eu faria supletivo ou repetiria o terceiro ano. Com o objetivo de ressocialização, fui transferida

para o Centro Educacional Adventista de Taguatinga, onde ficava mais perto da minha casa e seria mais fácil de acesso caso eu tivesse alguma crise ou passasse mal. Então no dia 20 de agosto de 2018 voltei a frequentar a escola presencialmente, e algo que ninguém esperava foi que com a ajuda de todos os meus professores da escola antiga eu consegui atingir a média bimestral (6,0) em todas as disciplinas.

Isso serviu como um grande incentivo pra mim, então eu decidi que iria me esforçar ao máximo para conseguir me formar, estudei muito! E com o apoio dos professores e dos colegas da escola em que agora estava estudando, eu consegui alcançar êxito.

Toda essa relação com os professores, e empenho que eles demonstraram em me ajudar, fez com que eu sentisse uma vontade muito grande de ser professora. Se me formar antes parecia um plano distante, passar numa universidade pública era algo inimaginável, por isso fiz diversos vestibulares em instituições particulares, e apesar de ter passado em todos, ainda não tinha escolhido qual queria.

Eu havia realizado todas as provas do Programa Avaliação Seriada (PAS) para UnB, e no último ano do ensino médio também realizei o ENEM. Então em janeiro de 2019 recebi a notícia que havia passado na Universidade de Brasília em primeiro lugar no PAS no grupo de cotas para Pretos, Pardos e Indígenas (PPI) para o curso que tanto ansiava em fazer, Pedagogia. Foi uma emoção indescritível, foi uma vitória imensurável, para mim e para minha família, após um ano de tantas dificuldades, conquistar uma vaga na melhor universidade do DF foi incrível. Então em março comecei a estudar na universidade e foi maravilhoso, cada momento, cada espaço, cada descoberta, cada novo aprendizado trazia à tona todo o prazer do esforço de estudar para estar ali.

Com apenas um ano que eu estava na universidade, e apenas um mês que havia começado um estágio remunerado, veio a pandemia, e não chegou nem mesmo a ter uma aula presencial na Faculdade de Educação da Universidade de Brasília- FE/UnB naquele ano de 2020, meu chão caiu, tanta luta para chegar até ali e o medo de tudo acabar, quando iria me formar? Eu ainda iria estudar ali? A universidade ainda existiria? Quando tudo iria voltar ao normal? Milhões de questionamentos e um semestre inteiro sem aula, um momento desesperador na vida de todo estudante, e então no meio de 2020 iniciamos o semestre, e ali começaria uma graduação nada comum, com um sistema nada normal, e uma situação completamente nova e ninguém sabia como lidar.

E então se iniciou o ensino remoto, de início tudo parecia muito confuso, ninguém sabia exatamente como aquilo iria funcionar, mas ainda assim se seguiram por 2 longos anos, semestres mais curtos que o normal para compensar o tempo perdido, professores tentando adaptar todo o conteúdo para um novo método, alunos tentando acompanhar, nem tudo foi

fácil, mas diante de tantas histórias que ouvi, não acho que minha situação foi a mais complicada. Eu dispunha de um espaço privado de estudo, de recursos tecnológicos e de internet a qualquer momento. Ao olhar para colegas meus que não tinham recursos era de entristecer, a vontade de querer ajudar, mas de simplesmente não ter como.

Além de todo o esforço para se adaptar a um novo estilo de vida, ainda havia a preocupação com cada amigo, familiar, e com todo o mundo.

Depois que a vacina foi aprovada e todos puderam ter acesso, ainda com o uso obrigatório de máscaras retornamos à universidade. Que alegria e que esperança inundavam o coração de ainda poder aproveitar um pouco do espaço que UnB tem a oferecer, no sétimo semestre e pude voltar a rotina, na verdade me acostumar com uma nova rotina, dois anos é muito tempo, muito do que havia vivenciado já não mais existia ali.

A volta ao presencial foi muito difícil, a locomoção até o campus é sempre muito exaustiva, apesar de feliz ainda assim era complicado ter ânimo para sair de casa, depois de quase dois anos praticamente só dentro de casa.

O que mais me motivou foi que desde setembro de 2020 eu havia começado outro estágio obrigatório que durou um ano e meio, e depois mudei pra outro que estou até o atual momento, então o contato com as crianças, o prazer de ensinar foi o que deu forças para que pudesse continuar e readaptar a uma rotina presencial.

Mas o sentimento de poder voltar e finalizar esse curso com chave de ouro, podendo aproveitar um pouco mais de tudo que está disponível e reencontrar pessoas importantes é inexplicável, infelizmente algumas pessoas não mais encontraremos, mas com certeza as lembranças permanecerão. Estudar na UnB é mais do que apenas aprender é expandir todos os horizontes sem limitações.

Ao iniciar este artigo com o objetivo de apresentá-lo como trabalho de conclusão de curso fui muito motivada pelo professor Erlando, diria até mesmo desafiada, esse tema sempre me interessou e talvez devido ao governo repressor que vivemos durante 4 anos (2018-2022), e tanta propagação de informações deturpadas e tantos ataques à educação sexual me senti temerosa quanto à continuação do tema, mas com o estímulo do professor Erlando decidi continuar e seguir com um tema que é muito importante e que me interessa bastante.

Este tema sempre foi do meu interesse porque eu acredito que as crianças precisam ser ouvidas e respeitadas, e por muitas vezes essas preocupações não são validadas. Elas serão as gerações futuras, com uma boa base relacionada à educação e respeito a si mesmo e ao outro, não somente com corpo como também quanto às diferenças de gênero, orientação sexual, e assuntos correlatos, pode se evitar problemas na adolescência e na vida adulta.

4 TEMA E PROBLEMA

O artigo apresentado tem como tema a educação sexual para crianças que estão na educação infantil e ensino fundamental- anos iniciais. O abuso sexual cometido em crianças é um grande problema que vem sendo enfrentado desde sempre e que permanece sendo um grande tabu na sociedade, no levantamento realizado pela Globonews em 2022 com base nas denúncias recebidas pela Ouvidoria Nacional do Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos (MMFDH) até o mês de junho de 2022 foram registrados 6.067 casos de estupro em menores de idade, e uma porcentagem de 36% das vítimas possuem menos de 11 anos, e devido a ser um assunto raramente abordado em casa muitas crianças nem mesmo sabem o que está sendo feito com elas, daí surge o problema: Qual a importância da educação sexual na educação infantil e nos anos iniciais do ensino fundamental nos documentos oficiais da educação?

Segundo Suplicy (1983), muitos pais acreditam que a educação sexual tem o sentido exclusivamente de se sentar e assistir a aulas de anatomia ou realizar discussões que abordam sobre os perigos da sexualidade. Este conceito dos pais sobre a educação sexual é distorcido, pois a educação sexual acontece desde o nascimento da criança, período em que ela vai absorvendo informações de seu meio. Quando o tabu de que a educação sexual é sobre ensinar as crianças a fazerem sexo for quebrado e os responsáveis das crianças passarem a aceitar a educação sexual nas escolas através de professores capacitados para ensinar sobre isso, e também passarem a conversar com as crianças sobre o assunto, o silêncio será quebrado e muitos sofrimentos desse tipo não irão continuar a acontecer, porque a vítima saberá o que está acontecendo e terá coragem para relatar e após isso a denúncia acontecer.

5 JUSTIFICATIVA

O artigo apresentado pretende apresentar fatos que comprovem a importância que a educação sexual possui desde o início da vida, colocando em evidência as consequências que a desinformação gera na vida de um indivíduo, e o quanto isso será prejudicial durante toda a sua relação com questões de sexualidade. A Organização Mundial da Saúde (2011) define sexualidade como: uma energia que nos motiva para encontrar amor, contato, ternura e intimidade; ela integra-se no modo como sentimos, movemos, tocamos e somos tocados, é ser-se sensual e ao mesmo tempo ser-se sexual. A sexualidade influencia pensamentos, sentimentos, ações e interações e, por isso, influencia também a nossa saúde física e mental. De acordo com Maia e Ribeiro (2011):

A sexualidade é um conceito amplo e histórico. Ela faz parte de todo ser

humano e é representada de forma diversa dependendo da cultura e do momento histórico. A sexualidade tem componentes biológicos, psicológicos e sociais e ela se expressa em cada ser humano de modo particular, em sua subjetividade e, em modo objetivo, em padrões sociais que são aprendidos e apreendidos durante a socialização. (pp.75-76).

O tema da educação sexual é contemplada nos Parâmetros Curriculares Nacionais:

[...] busca-se considerar a sexualidade como algo inerente à vida e à saúde, que se expressa no ser humano, do nascimento até a morte. Relaciona-se com o direito ao prazer e ao exercício da sexualidade com responsabilidade. Engloba as relações de gênero, o respeito a si mesmo e ao outro e à diversidade de crenças, valores e expressões culturais existentes numa sociedade democrática e pluralista. Inclui a importância da prevenção das doenças sexualmente transmissíveis/AIDS e da gravidez indesejada na adolescência, entre outras questões polêmicas. Pretende contribuir para a superação de tabus e preconceitos ainda arraigados no contexto sociocultural brasileiro (BRASIL, 1998, p.287).

Ainda assim não a torna efetiva e prática em ambientes escolares. Ainda é preciso muito para que esse paradigma social em relação ao conhecimento sobre o tema deste projeto seja realizado nas escolas. Além da necessidade de inserção da educação sexual no âmbito escolar também é indispensável que haja uma capacitação nessa área para os docentes, para que não sejam feitas repreensões, para que não haja preconceitos, e nem doutrinação em qualquer perspectiva.

6 OBJETIVOS

3.1 OBJETIVO GERAL

- Analisar como a educação sexual é abordada nos documentos oficiais da educação para a educação infantil e anos iniciais do ensino fundamental.

7 REFERENCIAL TEÓRICO

Este artigo utiliza a pesquisa qualitativa, baseando-se na análise da abordagem da educação sexual nos documentos oficiais da educação, colocando em ênfase a importância da educação sexual para a educação infantil e anos iniciais através dos dados coletados nessa pesquisa. Segundo a ONU (2018): Educação sexual é um programa de ensino sobre os aspectos cognitivos, emocionais, físicos e sociais da sexualidade. Seu objetivo é equipar crianças e jovens com o conhecimento, habilidades, atitudes e valores que os empoderem

para: vivenciar sua saúde, bem estar e dignidade; desenvolver relacionamentos sociais e sexuais respeitosos; considerar como suas escolhas afetam o bem estar próprio e dos outros; entender e garantir a proteção de seus direitos ao longo da vida. (UNAIDS, 2018)

Anualmente cerca de 18% dos brasileiros nascidos são filhos de mães adolescentes, segundo os dados do relatório publicado em 2018 pela Organização Pan-Americana da Saúde/Organização Mundial da Saúde (OPAS/OMS), Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF) e Fundo de População das Nações Unidas (UNFPA) (NIT, 2021). Já em 2020, cerca de 380 mil partos foram de mães com até 19 anos de idade, que corresponde a 14% de todos os nascimentos no Brasil, de acordo com os dados do Sistema de Informações sobre Nascidos Vivos, do Ministério da Saúde.

A educação começando ainda quando criança ajuda a prevenir muitas circunstâncias graves como gravidez precoce e Infecções Sexualmente Transmissíveis. Segundo pesquisa do IBGE (2022) de 2009 a 2019, o percentual de escolares que usaram preservativo na última relação sexual caiu de 72,5% para 59%. Entre as meninas, a queda foi de 69,1% para 53,5% e, entre os meninos, de 74,1% para 62,8%.

A importância do diálogo sobre educação sexual se mostra cada vez mais necessária, Segundo o boletim epidemiológico (2018) a taxa de crianças que são abusadas entre 1 a 5 anos chega a ser de 51%, sendo a vítima do sexo feminino em sua grande maioria, e 3,3% por sendo possuído alguma deficiência ou transtorno. e na maior parte das vezes elas nem mesmo sabem o que está acontecendo, e não sabem pra quem contar, tendo em conta que 69,2% ocorreram na residência, e isso se leva acreditar que são de pessoas próximas ou até mesmo dos próprios pais. Continuando com alguns dados 4,6% dos abusos em crianças ocorreram na escola, e 62,0% foram notificados como estupro. 33,7% dos eventos de violência sexual contra crianças tiveram caráter de repetição, tendo como principal argumento que a grande maioria acontece em suas próprias casas, gerando maiores oportunidades para o agressor aproveitar-se da criança sozinha. Já em um levantamento realizado pela Secretaria Estadual de Saúde (2021) já retrata que 70% das vítimas de abuso sexual, sendo crianças e adolescentes, são do sexo feminino.

A educação sexual não é tabelada, ela deve ser ensinada de acordo com a idade e com a capacidade de entendimento de cada idade, mas desde pequenas as crianças surgem perguntas como “de onde vim?” e a informação jamais deve ser omitida, de maneira mais sutil deve ensinar sobre como surgem os bebês, sobre o próprio corpo, sobre quem pode tocar aquela criança e como pode tocar. Os pais devem ser os primeiros educadores em relação a isso, pois são a fonte de confiança da criança, as pessoas mais próximas que elas tem, e o ponto de referência de suas vidas.

Existem alguns caminhos para ir construindo a educação sexual de maneira sutil, como

por exemplo na educação infantil pode-se começar pelo tópico que não existe cor de menina e de menino, que não existe brincadeiras para um ou para outro, são apenas brincadeiras, que cortes de cabelo não definem o que a pessoa é, a pessoa pode ter o cabelo que quiser e que o importante é se sentir bem consigo mesma.

Esperar que esses números de abusos se extinga é crer numa utopia totalmente infundada, mas para que possam ao menos diminuir drasticamente ao longo do tempo a melhor maneira de se intervir é através da informação e do conhecimento, em todas as faixas etárias, e principalmente na escola, que é o meio de comunicação mais favorável que a criança ou o adolescente terá, levando em consideração que o maior número de abusos acontecem dentro de casa e ainda por muitas vezes são desconsiderados quando a criança tenta relatar algo, e muitas vezes são negligenciados pela própria família, além de que em grande parte são considerados como mentira ou invenção de quem relata.

8 METODOLOGIA

A abordagem utilizada neste artigo é qualitativa. Esta abordagem se baseia na observação, busca de dados, investigação e análise de dados.

A pesquisa qualitativa é fundamentalmente interpretativa. Isso significa que o pesquisador faz uma interpretação dos dados. Isso inclui o desenvolvimento da descrição de uma pessoa ou de um cenário, análise de dados para identificar temas ou categorias e, finalmente, fazer uma interpretação ou tirar conclusões sobre seu significado, pessoal e teoricamente, mencionando as lições aprendidas e oferecendo mais perguntas a serem feitas (Wolcott, 1994).

Para este artigo é usada a busca de dados e informações quanto a educação sexual nos documentos oficiais da educação sendo eles a Base Nacional Comum Curricular (2018), Parâmetros Curriculares Nacionais (1998), Currículo em Movimento (2018), Plano Nacional de Educação (2014) e Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (2018). Foi realizada a leitura completa dos cinco documentos citados anteriormente, com o objetivo de análise e interpretação de informações para o desenvolvimento deste artigo.

A BNCC é dividida primeiramente em segmentos: educação infantil, anos iniciais, anos finais e ensino médio. Neste artigo são usadas informações para a educação infantil e anos iniciais do ensino fundamental. Dentro desses segmentos são divididos campos de experiências,

onde cada um possui um objetivo geral, e objetivos específicos. Para cada objetivo específico é utilizado um código para que os profissionais da educação possam relacionar no planejamento pedagógico qual objetivo está sendo traçado dentro de sala de aula.

Na BNCC (2018), para a educação infantil, no campo de experiências “o eu, o outro e o nós” a educação sexual pode ser estudada com bebês de 0 a 1 ano e 6 meses através do EI01E005 que diz: Reconhecer seu corpo e expressar suas sensações em momentos de alimentação, higiene, brincadeiras e descanso (BNCC 2018, p. 41). O reconhecimento do corpo e a higiene são tópicos muito importantes da educação sexual. Para crianças bem pequenas de 1 ano e 7 meses a 3 anos e 11 meses, também no campo de experiência “o eu, o outro e o nós” a educação sexual se encaixa no EI02E005: Perceber que as pessoas têm características físicas diferentes, respeitando essas diferenças (BNCC 2018, p. 41). Também relacionado com o reconhecimento do corpo, além de respeitar o seu próprio corpo é importante entender a necessidade de respeitar o corpo do outro, o que se relaciona direto com o código para a educação infantil EI03005: Demonstrar valorização das características de seu corpo e respeitar as características dos outros (crianças e adultos) com os quais convive. (BNCC 2018, p. 41) direcionado para crianças pequenas de 4 anos a 5 anos e 11 meses.

Pode-se perceber pouca abrangência e profundidade quanto à educação sexual na BNCC para a educação infantil, o que é uma falha para a base de um conhecimento sólido sobre o assunto, evitando o conhecimento de um assunto importante, assim como diz Dell'Aglio e Garcia (1997):

Na Escola Infantil também precisa haver espaço para que as crianças possam falar de questões sobre as quais têm dúvidas e curiosidade, questões sobre nascimento, diferenças sexuais e reprodução. Estes assuntos precisam ser conversados da mesma forma como se explica para a criança outras funções do seu corpo e fatos da sua vida.

Na BNCC (2018) no segmento dos anos iniciais na disciplina de Ciências para o 1º ano na unidade temática “vida e evolução” se encontra o objeto de conhecimento “corpo humano (BNCC 2018, p. 329) e na área de habilidade com o código para o ensino fundamental (1º ano) no currículo do ensino de Ciências EF01CI02: Localizar, nomear e representar graficamente (por meio de desenhos) partes do corpo humano e explicar suas funções; EF01CI03: Discutir razões pelos quais os hábitos de higiene do corpo (...) são necessários para a manutenção da saúde; EF01CI04: Comparar características físicas entre os colegas, reconhecendo a diversidade e a importância da valorização, do acolhimento e do respeito às diferenças. Em todas essas três habilidades pode ser aplicado o conhecimento sobre a educação sexual, no reconhecimento, na diversidade, na higiene e no respeito.

Na BNCC (2018) são apenas esses tópicos que consistem em relação a educação sexual, nota-se que realmente é muito o raso o conhecimento a ser desenvolvido nessa área com as crianças.

Nos Parâmetros Curriculares Nacionais (1998) encontram-se áreas de conhecimento que são chamados de “Temas Transversais”, dentre eles está incluso “Orientação Sexual” que pode ser incluído no currículo escolar, abordando a questão da sexualidade no ensino fundamental.

Em relação às questões de gênero e sexualidade, na formulação da BNCC foi exposto polêmicas na qual esse tema foi envolvido, versões anteriores a de 2017 continham menções a essa temática, mas na versão oficial para Educação Infantil e Anos Iniciais foram suprimidas.

A dificuldade da família em lidar com a educação sexual de seu/as filhos/as transparece na falta de diálogo, no ignorar ou responder às perguntas relacionadas à sexualidade de forma incompleta, na proibição do contato com o tema por meio da censura.
(SANTOS; BRUNS,2000).

No Currículo em Movimento (2018) para a Educação Infantil é salientado o que está proposto na BNCC (2018), no campo de experiência “O eu, o outro e o nós”, que são relacionados à convivência, e a observação nesse campo é muito necessária para o caso de se notar algum comportamento estranho poder ser verificado e averiguado algum caso de abuso, ainda não percebido pela criança.

Nos eixos transversais é possível perceber temas que são diretamente ligados à educação sexual, tais como: Para bebês (0 a 1 ano e 6 meses) propõe-se perceber as possibilidades e os limites de seu corpo nas brincadeiras e nas interações das quais participa; perceber limites e regras nas relações interpessoais; perceber seu corpo [...]; perceber e experimentar as possibilidades do próprio corpo [...]. Para crianças bem pequenas (1 ano e 7 meses a 3 anos e 11 meses) propõe-se reconhecer sua sexualidade, percebendo que existem diferenças físicas e comportamentais entre as pessoas, e iniciar a formação de sua imagem corporal; desenvolver hábitos de higiene: pedir para ir ao banheiro, lavar as mãos, limpar o nariz, escovar os dentes, percebendo-os como necessidades para seu bem-estar. E para as crianças pequenas (4 anos a 5 anos e 11 meses) é proposto reconhecer as mudanças ocorridas nas suas características desde o nascimento, a fim de perceber as transformações; desenvolver, gradativamente, atitudes [...] antissexistas, anti-homofóbicas [...].

No campo de experiência Corpo, gestos e movimentos é bem ressaltado sobre a importância do cuidado com o corpo da criança e a importância que o educador possui nesse cenário.

“Os cuidados físicos necessários com o corpo perpassam as interações da criança com o meio, com o outro e consigo mesma, fato que torna o trabalho educativo corporal primordial ao desenvolvimento da noção do que é seguro ou do que pode promover riscos para sua integridade física.”
(Currículo em movimento, pg 69).

Já nos eixos transversais desse campo de experiência também é possível notar tópicos diretamente ligados à educação sexual na educação infantil. Para bebês: Participar do cuidado do seu corpo e da promoção do seu bem-estar. Observar as diversas expressões corporais, possibilitando a familiarização com a imagem de seu próprio corpo refletida no espelho. Perceber as partes do corpo (...). Perceber as conquistas corporais (...). Com as crianças bem pequenas é proposto: Demonstrar progressiva independência no cuidado do seu corpo. Observar e nomear as diversas expressões corporais, possibilitando a familiarização com a imagem de seu próprio corpo refletida no espelho. Conhecer e nomear as partes do corpo de modo a desenvolver consciência de suas potencialidades (força, velocidade, resistência, agilidade, equilíbrio e flexibilidade). E com crianças pequenas: Cuidar de sua higiene, alimentação, conforto e aparência. Reconhecimento progressivo do próprio corpo em brincadeiras, jogos e demais atividades, assim como na interação com os outros.

No Currículo em Movimento para os anos iniciais na área de Ciências da Natureza que é dividida em 3 unidades temáticas, especificamente na unidade “Vida e evolução” encontram-se objetivos importantes para a absorção do ensino da educação sexual. Para o primeiro ano: Reconhecer o próprio corpo, identificando as suas partes e representando-as graficamente; Demonstrar a importância dos hábitos de higiene pessoal [...]; Comparar as características físicas entre os colegas, identificando semelhanças com outros indivíduos; Reconhecer a diversidade entre os colegas, respeitando os indivíduos em suas diferentes características: individuais, físicas, culturais, socioeconômicas, étnico-raciais, de gênero, de orientação sexual e de idade. Para o segundo, terceiro, quarto e quinto anos não tem objetivos propostos com relação ao tema.

Na LDB (1996) cita-se:

Conteúdos relativos aos direitos humanos e à prevenção de todas as formas de violência contra a criança, o adolescente e a mulher serão incluídos, como temas transversais, nos currículos de que trata o caput deste artigo, observadas as diretrizes da legislação correspondente e a produção e distribuição de material didático adequado a cada nível de ensino. possui indicação quanto à abordagem da educação sexual

Ainda assim é muito raso e pouco específico a educação sexual na Lei de Diretrizes e Bases. Já no PNE não se encontra nenhuma citação ou proposta em relação à educação sexual para a educação infantil e anos iniciais. O que pode ser entendido com a citação:

Acredita-se que a dificuldade em trabalhar a educação sexual está relacionada com a própria constituição histórica da sexualidade. As práticas higienistas e a repressão da liberdade de expressão sexual, alinhadas a algumas crenças religiosas, caracterizaram o início da educação sexual no Brasil, valorizando as relações heterossexuais, o patriarcado e a visão da sexualidade como um tabu (FIGUEIRÓ, 2010; LOURO, 2008).

9 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após a análise dos documentos é possível perceber e reforçar que realmente a oferta da educação sexual para a educação infantil e anos iniciais é muito limitada e pouco aprofundada, o que leva a reflexão da importância de se capacitar profissionais da educação.

A prática docente na educação infantil lida, no dia-a-dia, com experiências problemáticas que levam os educadores a decisões num terreno de grande complexidade, incerteza, singularidade e de conflito de valores relativos ao sexual, quando deparam-se com situações oriundas das crianças regidas por uma “vontade de saber” (FOUCAULT, 2005, p. 14).

Com a análise da BNCC, Currículo em movimento, LDB, PCN e PNE é possível perceber que a quantidade de conteúdos relacionados à educação sexual nos documentos oficiais da educação são poucos abordados e menos ainda aprofundados. Para Karla Firmino da Silva (2016, p. 17):

A educação sexual acontece de forma contínua, pois estamos sempre sendo educados sexualmente, seja em casa, pelos pais ou parentes próximos, seja por meio da mídia, através de programas de televisão, internet, músicas etc. Sempre recebendo informações, ideias sobre o

assunto e a opinião, muitas vezes, preconceituosa das pessoas a respeito da sexualidade. (FIRMINO, 2016, p. 17).

Seguindo esse pensamento da pedagoga Karla Firmino, entende-se que de alguma forma a educação sexual será obtida pela criança, então o melhor é que sejam instruídas da maneira mais correta de acordo com a faixa etária para que não se obtenha informações deturpadas. “ Assim, abandonar o tabu da educação sexual para então, a ENSINAR. ” (HOPF e SARTORI, 2020).

10 REFERÊNCIAS

BRANDÃO, Zaia. Pesquisa em educação: conversas com pós-graduandos. São Paulo: Loyola, 2002.

CARVALHO, Maria Cecília M. de. Construindo o saber: metodologia científica – fundamentos e técnicas. 22 ed. Campinas: Papirus, 2010.

CHARLOT, Bernard. A pesquisa educacional entre conhecimentos, políticas e práticas: especificidades e desafios de uma área de saber. Revista Brasileira de educação. v.11 n.31 Rio de Janeiro jan./abr. 2006.

CHIZZOTTI, Antônio. Pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais. Petrópolis: Vozes, 2008.

COMTE, Auguste. Curso de filosofia positiva. Os pensadores. São Paulo: Nova cultural, 2005.

COSTA, Fernando Braga. Homens Invisíveis: relatos de uma humilhação social. São Paulo: Globo, 2008.

CRESWELL, John W. Projeto de pesquisa: Métodos qualitativo, quantitativo e misto. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2007.

DENZIN, Norman K; LINCON, Yvonna S. O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2006.

FURLANETTO, Milene F; LAUERMAN, Franciele; DA COSTA, Cristófer B;

MARIN, Angela H. Educação sexual em escolas brasileiras: revisão sistemática da literatura. 2018.

DELL'AGLIO, Débora D; GARCIA, Aida C. Uma experiência de educação sexual na pré-escola. Ribeirão Preto, 1997.

MENEZES, Ebenezer Takuno de; SANTOS, Thais Helena dos. Verbete educação sexual. Dicionário Interativo da Educação Brasileira - Educabrazil. São Paulo: Midiamix, 2001. Disponível em: <<https://www.educabrazil.com.br/educacao-sexual/>>.

DA SILVA, Denise R; COSTA, Zuleika L; MULLER, Márcia B. Gênero, sexualidade e políticas públicas de educação. Porto Alegre, 2018.

CELEPAR. CAOP Informa - Centro de Apoio Operacional das Promotorias da Criança e do Adolescente, 2021. Disponível em: <<http://crianca.mppr.mp.br/2020/03/231/ESTATISTICAS-Tres-criancas-ou-adolescentes-sao-abusadas-sexualmente-no-Brasil-a-cada-hora.html>>. Acesso em: 16 ago. 2022.

DALBOSCO, D.; AGLIO, D.; LEAL, A. UMA EXPERIÊNCIA DE EDUCAÇÃO SEXUAL NA PRÉ-ESCOLA. [s.l: s.n.], 1997. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/paideia/n12-13/08.pdf>>. Acesso em: 08 ago. 2022.

ZOCCA, A. UNESP UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA -UNESP “JÚLIO DE MESQUITA FILHO” FACULDADE DE CIÊNCIAS E LETRAS CAMPUS DE ARARAQUARA, SP A EDUCAÇÃO SEXUAL E SUAS ENTRELINHAS NAS CONCEPÇÕES DOS GESTORES, 2015. [s.l: s.n.]. Disponível em: <http://www.fclar.unesp.br/agenda-pos/educacao_sexual/3663.pdf>. Acesso em: 14 ago. 2022.

Educação sexual nas escolas diminui doenças e gravidez precoce, 2019. Disponível em: <<https://revistaeducacao.com.br/2019/11/07/educacao-sexual-nas-escolas/>>. Acesso em 02 jan. 2023.

Brasília, 2014c. DISTRITO FEDERAL. Secretaria de Estado de Educação do DF. Currículo em Movimento do Distrito Federal - Ensino Fundamental: Anos Iniciais – Anos Finais. Disponível em: <https://www.educacao.df.gov.br/wp-content/uploads/2018/02/Curri%CC%81culo-em-Movimento-Ens-fundamental_19dez18.pdf>. Acesso em: 20 jun. 2022.

Currículo em Movimento do Distrito Federal -Educação Infantil 2ª Edição Brasília, 2018. [s.l: s.n.]. Disponível em: <https://www.educacao.df.gov.br/wp-content/uploads/2018/02/Curri%CC%81culo-em-Movimento-Ed-Infantil_19dez18.pdf>. Acesso em 20 out. 2022.

LDB Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional 5 a edição Atualizada até agosto de 2021. [s.l: s.n.]. Disponível em:

<https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/593336/LDB_5ed.pdf>. Acesso em 20 out. 2022.

Brasil. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. Plano Nacional de Educação PNE 2014-2024 : Linha de Base. – Brasília, DF : Inep, 2015. 404 p. : il.

Disponível em:

<https://download.inep.gov.br/publicacoes/institucionais/plano_nacional_de_educacao/plano_nacional_de_educacao_pne_2014_2024_linha_de_base.pdf>. Acesso em: 18 nov. 2023.

EDUCAÇÃO É A BASE. [s.l: s.n.], 2018. Disponível em:

<http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=79601-anexo-texto-bncc-reexportado-pdf-2&category_slug=dezembro-2017-pdf&Itemid=30192>.

Acesso em 20 de nov. 2022

Atlas da Violência 2018: Crianças são maiores vítimas de estupro no país. Disponível em:

<<https://oglobo.globo.com/politica/atlas-da-violencia-2018-criancas-sao-maiores-vitimas-de-estupro-no-pais-22747251>>. Acesso em: 22 nov. 2022.

DE CAMARGO, S. A. P.; DE SAMPAIO NETO, L. F. Sexualidade e gênero. Rev Fac Ciênc Méd Sorocaba. 2017;19(4):165-6, 2017.

TERCEIRO E QUARTO CICLOS DO ENSINO FUNDAMENTAL. [s.l: s.n.], 1998.

Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/introducao.pdf>>. Acesso em: 15 mar. 2022.

GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO DIRETORIA DE ENSINO -REGIÃO DE CAPIVARI COMUNICADO, 2021. Assunto:

Semana Nacional de Prevenção da Gravidez na adolescência. [s.l: s.n.]. Disponível em:

<<https://midiasstoragesec.blob.core.windows.net/001/2021/02/comunicado-96-gravidez-na-adolescencia-.pdf>>. Acesso em: 16 abr. 2023.

FIRMINO, K.; SILVA, D. UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA CENTRO DE EDUCAÇÃO PEDAGOGIA DA SEXUALIDADE: O PAPEL DO PROFESSOR. [s.l: s.n.].

Disponível em:

<<https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/123456789/4317/1/KFS22112016.pdf>>.

Crianças de até 11 anos são 36% das vítimas de estupro no Brasil. Disponível em:

<<https://g1.globo.com/saude/noticia/2022/06/24/criancas-de-ate-11-anos-sao-36percent-das-vitimas-de-estupro-no-brasil.ghtml>>. Acesso em: 1 jul. 2023.

Apesar de redução, Brasil ainda apresenta dados elevados de gravidez e maternidade na adolescência, apontam especialistas. Disponível em: <<https://brazil.unfpa.org/pt-br/news/brasil-ainda-apresenta-dados-elevados-de-gravidez-e-maternidade-na-adolescencia>>. Acesso em: 1 jul. 2023.

